

Coluna do Castelo

JORNAL DO BRASIL

A Lula cabe arrumar sua retaguarda

O general Leônidas Pires Gonçalves disse recentemente a um interlocutor civil que as Forças Armadas mantêm-se na disposição de cumprir a Constituição. Mas acrescenta: "vírgula, desde que todos se disponham também a cumprir a Constituição". Essa expectativa manifestada pelo ministro do Exército quanto ao comportamento das forças que disputam a Presidência da República encaixa-se num contexto no qual o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, acelera sua marcha rumo ao poder deixando indicações nitidas de que pode chegar lá. Ainda não é uma ameaça, mas seria inequívoca advertência de que, vencendo, o candidato da esquerda teria tratamento correspondente à sua conduta e ao comportamento dos grupos que o apóiam.



Esse é apenas um dos sinais de nervosismo que vai alcançando as forças dirigentes do país, militares e civis, com as variações de tendências de opinião captadas pelas agências de pesquisa. O eleitor de Fernando Collor de Mello é, hoje, nas grandes cidades, como se vê no Rio e em Brasília, um eleitor acuado. Ele teme declarar seu voto e suas preferências são manifestadas apenas e mal na estrita intimidade. Grupos sociais conservadores sentem-se ameaçados por mudanças que ainda não sabem definir, mas que flutuam como um peso que cai sobre quem tem alguma coisa. Não é só o avanço de Lula que provoca essa reação quase pânica, mas também a euforia dos seus correligionários e dos grupos políticos de esquerda, euforia que poderá atingir um grau de excitação tal que torne sufocante para os que dela não participam fazer qualquer coisa como sair de casa, falar, ir ao cinema, ao teatro ou ao restaurante.

Lula, que se tem comportado com moderação, demonstrou na fase final da campanha competência política e flexibilidade para negociar apoios como o de Brizola e Mário Covas. Não hesitou, por exemplo, em mandar o senador Bisol passear sua candidatura por Sergipe e outras paragens enquanto ele, com Brizola e Arraes, freqüentava os centros nevrálgicos da disputa eleitoral. Já se percebe, aliás, que, se o apoio conseguido foi realmente importante, o eleitorado esquerdista se deslocaria no rumo da candidatura Lula pela polarização suscitada pelo tipo de disputa que se instala com o segundo turno. O esquerdismo difundido um pouco por toda a sociedade brasileira corporifica-se numa definição que, se não chega a ser revolucionária, é claramente por mudanças mais radicais do que as que os políticos pretendem conceder.

Ao candidato caberá desmobilizar essas emoções paroxísticas que poderão tumultuar o país na hipótese de sua vitória eleitoral. Com humildade e eficiência, ele se impôs ao PDT e ao PSDB, mas será com autoridade que deverá conter não a simples emoção das ruas, mas a instigação pré-revolucionária daquelas frações esquerdistas que desdenham da competição eleitoral para elas aceitável apenas como uma etapa de luta revolucionária pelo poder. Ainda não houve tempo, no crescimento do PT, de absorver totalmente esses grupos radicais que se infiltraram no partido desde que ele se apresentou como a momentânea opção legal no caminho do socialismo. Mas, se a via é a legal, chegou a hora de contê-los.

Luís Inácio Lula da Silva, por temperamento e natural percepção, não parece ser um radical. Não se deve esquecer que ele resistiu à influência do irmão mais velho e recusou-se a ingressar no PCB. Preferiu a porta aberta pela emergência de um operariado que prosperou na cauda da expansão industrial de São Paulo e do ABC. Lula tornou-se o símbolo do trabalhador qualificado cujo nível de renda o lançou na faixa social que se identifica com a classe média. Ao longo da campanha, ele deixou claro que percebe a mudança da sua condição social. Afinal, ele tem casa, automóvel, geladeira, televisão, toma sua cervejinha e pode nos fins de semana levar a família para comer fora. Esse o padrão que gostaria de estender do ABC a todos os trabalhadores, cuja imensa maioria ainda permanece naquela indefinição que o faz oscilar entre Collor e Lula numa eleição como esta.

Fernando Collor está lançando neste final de campanha seu peso político e eleitoral na identificação do adversário como o inimigo da classe média e dos pequenos, médios e grandes empresários, o inimigo do progresso, da integração do país na economia mundial, o radical enfim. Essa será sem dúvida a questão que deverá tornar-se o centro do debate final na televisão na próxima quinta-feira. Debate que se prenuncia, aliás, como o ato final que irá influir no ânimo do eleitor que ainda hesita e cujo voto irá compor a decisão final.

Antecipação da posse

Cresce nos bastidores não só dos partidos que disputam a eleição como do governo o exame da hipótese da antecipação de posse. O presidente não altera sua disposição de cumprir o mandato até o final, mas não se oporá a que o Congresso faça alguma coisa para emendar a Constituição, se esse for o desejo da maioria. Acusado de ter brigado por cinco anos de mandato, não quer ser agora acusado de ter brigado também por dois meses de poder. Alguns de seus amigos entendem que ele não tem mais condições psicológicas de permanecer na Presidência.

Carlos Castello Branco